

La Comédiathèque

*Encontro
na
Plataforma*

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Encontro na Plataforma

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Na plataforma de uma pequena estação de trem suburbano, um homem e uma mulher que não se conhecem aguardam o trem que os levará ao novo destino que escolheram mutuamente. No entanto, esse trem das 8:30, que costumavam pegar no passado, foi cancelado. O próximo trem só chegará daqui a três horas. Isso lhes oferece uma oportunidade de um encontro improvável que poderia mudar o curso de suas vidas...

Distribuição

Alex

Sara

A borda do palco representa a plataforma deserta na parada de trem de uma cidade nos subúrbios distantes. Ao fundo, há um banco. Um homem chega com uma mala de viagem, deixa a mala e olha o relógio. Finalmente, ele se senta no banco e espera. Uma mulher chega arrastando uma mala com rodinhas. Ela vê o banco, hesita, mas decide não se sentar. Eles fingem se ignorar. Ela também olha seu relógio e espera. Depois de um tempo, ele olha novamente seu relógio, se levanta, dá alguns passos e então volta até a mulher.

Alex – Desculpe, você poderia me dizer que horas são, por favor?

Ela hesita um pouco, desconfiada, então olha seu relógio antes de responder, sem sequer sorrir.

Sara – São 8:31.

Alex – Obrigado.

Ele se afasta alguns passos. Ambos esperam. Ela começa a mostrar sinais de impaciência também. Ele volta até ela.

Sara – Normalmente, ele sempre chega na hora...

Alex – A menos que esteja em greve, claro.

Sara – Estão em greve?

Alex – Não que eu saiba...

Um momento.

Sara – Já passou, talvez?

Alex – Eu não acho.

Sara – Como você estava aqui antes de mim... Você não viu ele passar?

Alex – Se eu tivesse visto, eu teria subido, não teria?

Sara – Ele poderia ter passado... e não parado.

Alex – Não parado?

Sara – Na verdade, isso não é uma estação aqui. É apenas uma parada. Nem todos os trens param aqui.

Alex – O das 8:30 sempre para.

Sara – Sim...

Alex – Cheguei por volta das 8:25 e não vi nenhum trem passar.

Sara – Então, ainda não chegou... (*Um momento*) A menos que já tenha passado...

Alex – Antes das 8:25? O trem das 8:30?

Sara – Você tem razão... Trens atrasados existem, mas trens saindo antes do horário...

Alex – São apenas 8:33, ainda pode chegar.

Ela se senta no banco. Ele permanece de pé. Eles esperam.

Sara – Ou talvez tenham cancelado.

Alex – Cancelado? O trem das 8:30? Sempre houve um trem às 8:30. Por que eles o cancelariam?

Sara – Não sei... Talvez porque não havia pessoas suficientes.

Alex – Você acha que não há pessoas suficientes?

Sara – Somos apenas dois...

Alex – É verdade, normalmente há mais gente do que isso. É estranho...

Sara – De fato, se somos apenas dois... talvez seja porque eles o cancelaram, precisamente... e nós somos os únicos dois que ainda não sabemos...

Alex – Você acha?

Sara – Não sei.

Alex – Não é uma estação, mas... Bem, os horários devem estar anunciados em algum lugar...

Sara – Sim, com certeza...

Alex – Há um painel logo na entrada, ao lado da passagem de nível.

Sara – Onde costumavam vender os bilhetes antes. Mas não tem ninguém atrás do balcão há muito tempo.

Alex – Começaram por eliminar o balcão, depois os trens, depois a estação, e finalmente a linha.

Sara – Os horários devem estar anunciados lá.

Alex – Sim.

Um momento.

Sara – Você não vai verificar?

Alex – Está do outro lado da plataforma. Imagine se o trem chegar enquanto eu estiver olhando o painel.

Sara – E daí?

Alex – Em princípio, é proibido. Quero dizer... atravessar as vias após o sinal sonoro.

Sara – Sim... em princípio.

Alex – Além disso, pode ser perigoso.

Sara – Bem... então esperamos.

Alex – Quando era criança, com meu irmãozinho, cruzamos assim, quando o sinal já estava tocando. Meu irmão perdeu seu sapato no meio dos trilhos. Ele quis voltar para buscá-lo quando o trem se aproximava e... (*Ela o olha horrorizada*) Eu o agarrei pelo braço no último momento e ele se salvou, por sorte. O sapato, por outro lado...

Ela parece um pouco irritada com esse drama falso. Eles esperam um momento. Ela faz um gesto como se fosse sair.

Sara – Vou dar uma olhada.

Alex – Deixe-me, eu vou. Com seus saltos...

Ele se afasta e sai do palco. Ela olha na direção de onde o trem deveria chegar. Espera. Ele retorna.

Sara – E então?

Alex – Eles o cancelaram.

Sara – O quê? Isso não pode ser!

Alex – Os novos horários estão lá. Não há trem às 8:30.

Sara – E não há outro?

Alex – Havia um trem às 8, já passou. E o próximo é às 11:30.

Sara – 11:30! Mas isso é em três horas!

Um momento.

Alex – Havia um trem às 8:30, tenho certeza.

Sara – Eu também. É por isso que não verifiquei...

Alex – Cancelaram... Droga... Cancelaram o trem das 8:30.

Um momento.

Sara – Três horas... Tenho uma conexão em vinte minutos...

Alex – Eu também... (*Uma pausa*) Eu ofereceria compartilhar um táxi, mas...

Sara – Um táxi por aqui...

Alex – A pé é muito longe. De qualquer forma, não chegaríamos a tempo para nossa conexão.

Sara – Especialmente com minha mala... E eu não trouxe sapatos para caminhar.

Alex – Acho que nossa conexão está arruinada.

Sara – Não podemos ficar aqui esperando por três horas...

Alex – Se você tiver outra solução...

Ouve-se um estrondo de trovão, seguido de um relâmpago.

Sara – Espero que pelo menos não comece a chover. Nem mesmo há um lugar para se abrigar...

Alex – Eu lhe ofereceria um café, mas...

Sara – O primeiro café fica a uma hora de caminhada. Mal teríamos tempo de ir e voltar.

Alex – Não pensei em trazer um guarda-chuva. Você tem um?

Sara – Não...

Um momento de silêncio.

Alex – Vou tentar pedir carona, você está interessada?

Ela hesita, ainda cautelosa.

Sara – Não, obrigada. Prefiro esperar aqui.

Alex – Como quiser.

Ele se afasta e sai. Ela olha para o céu ameaçador. Espera. Depois de um tempo, ela pega um livro e mergulha em sua leitura. Ele volta.

Alex – O que você está lendo?

Ela se assusta.

Sara – Você me assustou...

Alex – Desculpe. Então...

Sara – Nada... Ainda não se vê nenhum trem no horizonte...

Alex – Eu estava me referindo ao seu livro.

Sara – Ah, sim... (*Mostra o livro*) "Encontro na Plataforma"...

Alex – É apropriado.

Sara – É uma peça de teatro...

Alex – Você se interessa por teatro?

Sara – Um pouco. Você desistiu de pedir carona?

Alex – De qualquer forma... não há carros passando a essa hora. E além disso...

Sara – Sim?

Alex – Eu não queria a deixar sozinha.

Sara – Obrigada, mas... não era necessário.

Alex – Há anos que não faço carona. Já não me sinto confortável com isso...

Sara – Só precisa levantar o polegar, não é?

Alex – Talvez para você, mas para mim... Se eu me visse levantando o polegar na beira da estrada, não tenho certeza se eu pararia. Você pararia?

Ela o olha.

Sara – Sinceramente, não...

Alex – Então, por que se preocupar? Prefiro esperar aqui... com você.

Sara – Como preferir...

Alex – Parece que está clareando um pouco, não?

Sara – Sim...

Alex – Mas não quero impedir você de ler...

Sara – Obrigada.

Ela volta a ler, mas não parece estar muito concentrada. Finalmente, guarda seu livro. Silêncio.

Alex – O que estamos fazendo aqui no meio do nada? Fico me perguntando...

Sara – Eu estava na casa da minha mãe.

Alex – Desculpe, não era realmente uma pergunta. Não queria ser indiscreto.

Sara – Perdoe-me, fui eu quem interpretou errado. Estou contando minha vida...

Um momento.

Alex – Eu estava na casa do meu pai. (*Apontando na direção*) Ele mora a alguns quilômetros daqui...

Sara – Minha mãe também não mora longe, do outro lado. Mas preferiria não voltar lá...

Alex olha seu relógio.

Alex – 8:35. Ainda tinha esperança de que estivesse apenas atrasado. Mas não. Eles realmente cancelaram.

Sara – Começar de novo tomando um trem que não existe mais...

Alex – O que te faz pensar que eu quero começar de novo?

Sara – Desculpe, estava falando por mim... Fui indiscreta.

Ela se senta no banco. Alex hesita um pouco e depois se senta também.

Alex – Mas se temos que conversar juntos por três horas esperando o próximo trem... não vamos nos limitar a considerações ferroviárias ou meteorológicas.

Sara – Não somos obrigados a falar...

Alex – Não, de fato.

Sara – Desculpe, não era isso que eu queria dizer, mas... não estou acostumada a falar com estranhos.

Alex – Sua mãe mora aqui. Meu pai também. Quem sabe, talvez já tenhamos nos cruzado em algum lugar.

Sara – E além disso, é verdade, vai ser bom falar com alguém.

Alex – Então, você estava começando de novo. Hoje. Nesta plataforma. Às 8:30 em ponto...

Sara – Pode-se dizer que sim.

Alex – Ao deixar sua mãe...

Sara – Ao deixar meu marido, na verdade. Voltei para a casa da minha mãe enquanto encontrava um novo lugar para morar. Acabei de conseguir as chaves.

Alex – As chaves da liberdade...

Sara – E você?

Alex – Estava me despedindo do meu pai. Vou pegar um avião para os Estados Unidos esta noite. Bem, se eu conseguir sair desta estação que nem é uma estação.

Sara – Então, um novo começo para você também.

Alex – Deixei meu emprego. Devolvi as chaves do meu apartamento. Vou passar um tempo com um amigo em Los Angeles. Depois veremos...

Sara – Los Angeles... Parece muito longe daqui...

Alex – Passei toda a minha infância nesta espécie de terra de ninguém, perdida entre duas estações, onde quase nenhum trem para... Mesmo naquela época, parecia longe de tudo.

Sara – Sim...

Alex – E justo quando estou prestes a descobrir a América, aqui estou, encalhado nesta plataforma como um marinheiro na maré baixa.

Sara – E a próxima maré é daqui a três horas...

Alex – Não tenho muita vontade de voltar para a casa do meu pai também. Tive que me forçar a vir me despedir dele...

Um momento.

Sara – Então, ambos estamos em um ponto de viragem em nossas vidas...

Alex – Sim...

Sara – O que você fazia antes de renunciar?

Alex – Eu era diretor de marketing em uma empresa de informática... (*Um momento*) Sim, eu sei, isso sempre deixa um vazio na conversa. Por isso, decidi renunciar. E você? O que faz na vida?

Sara – Eu era professora... Tirei uma licença depois do meu casamento... Acabei de conseguir um novo emprego.

Alex – Se entendi bem, não temos exatamente a mesma ideia do que é um ponto de viragem.

Sara – Um ponto de viragem?

Alex – Você disse que ambos estamos em um ponto de viragem em nossas vidas. Estou tentando mudar de direção. Pelo que você diz, parece que para você é mais uma questão de dar meia-volta.

Sara – Você acha?

Alex – Você está solteira novamente e voltando ao seu antigo emprego. Eu renunciei ao meu emprego e estou saindo em busca de aventuras...

Sara – É uma maneira de ver as coisas.

Alex – Realmente acredita que podemos retomar o rumo de nossas vidas de onde paramos há alguns anos? Voltar à encruzilhada e tentar outro caminho depois de termos entrado em um beco sem saída?

Sara – E você? Acha que podemos simplesmente deixar tudo para trás e mudar de vida assim? Acha que basta mudar de continente para se tornar uma pessoa diferente?

Alex – Não sei... Sempre posso tentar...

Um momento.

Sara – Você também morava aqui quando era mais jovem?

Alex – Passei toda a minha infância aqui. Não posso dizer que são boas lembranças. E você?

Sara – Passei bons momentos aqui.

Alex – Eu ficava entediado neste lugar quando era adolescente... Às vezes, pegava o trem das 8:30, até mesmo aos domingos quando não tinha escola, e voltava imediatamente no mesmo trem na direção oposta.

Sara – Por quê?

Alex – Para me manter em movimento. Para sentir que ainda estava vivo. Já sonhava em viajar pelo mundo, mas tinha que me contentar com essas viagens absurdas de ida e volta em uma linha de subúrbio.

Sara – E agora você vai viajar...

Alex – Se este trem tiver a gentileza de me levar ao aeroporto... Você nunca se entediou?

Sara – Não.

Alex – Você deve ter uma vida interior muito intensa. É uma qualidade essencial para viver em um lugar como este. Não é a cidade, mas também não é o campo. Alguns trens pela manhã para ir à escola ou ao trabalho. Alguns trens à noite para levar as pessoas para casa, assistir um pouco de televisão antes de dormir.

Sara – E hoje em dia você não se entedia mais?

Alex – Sim, muitas vezes. Mas hoje em dia, quando estou entediado, tenho a possibilidade de me distrair. Posso ir ao cinema. Ver amigos. Sair para um fim de semana. Para enganar o tédio, como se diz...

Sara – Também dizem que é bom para as crianças se entediarem de vez em quando. Isso as ajuda a desenvolver a imaginação.

Alex – Talvez crianças mimadas, quando estão cansadas de todos os seus brinquedos... Não, não estou falando de um simples tédio passageiro, mas dessa terrível sensação de que sua vida está fluindo sem você, sem motivo. E que você nunca poderá recuperar o tempo perdido.

Sara – Então, aos quinze anos, você já sentia que tinha perdido sua vida?

Alex – Acredite, quase morri de tédio... Odeio este lugar... Este ponto de parada era a única maneira de sair daqui. No dia em que consegui comprar um bilhete só de ida... foi o melhor dia da minha vida...

Sara – Eu não tenho a mesma experiência que você com o tédio... Suponho que fui uma criança mimada, como você diz...

Alex – Qual é o melhor dia da sua vida?

Sara – Não sei... Talvez hoje...

Alex – Porque você comprou um bilhete só de ida...?

Sara – Eu nem tenho um bilhete... A máquina está quebrada... E agora que não há mais bilheteira...

Alex – Lembro-me da senhora que vendia os bilhetes. Antes, ela também cuidava da barreira da passagem de nível. Era guarda-barreira.

Sara – Guarda-barreira?

Alex – Ela ficava responsável por ativar o sino e abaixar a barreira toda vez que um trem chegava, com uma grande manivela. Você com segue imaginar a responsabilidade? É um trabalho que já não existe...

Sara – Eu nunca soube disso... Mas quantos anos você tem, na verdade?

Alex – Minha avó me contou. Guarda-barreira, imagine só? Ela morava em uma pequena casa bem ao lado da via. Deve ter visto muitos trens passarem, de dia e de noite, sem nunca ter entrado em um. Hoje em dia, tudo é automático... Deve ser difícil aceitar ser substituído por uma máquina...

Sara – Porque você perde o emprego, quer dizer?

Alex – Sim... Mas principalmente porque você percebe que passou toda a sua vida fazendo o trabalho que uma máquina poderia ter feito.

Um momento de silêncio.

Sara – Então você conhece bem aquele trem das 8h30.

Alex – Eu o pegava todos os dias para ir ao colégio.

Sara – Eu também. Temos mais ou menos a mesma idade. Poderíamos ter estado na mesma turma.

Um momento de silêncio.

Alex – Não estávamos na mesma turma, mas estávamos na mesma escola.

Sara – Ah, sim?

Alex – E pegávamos o mesmo trem todas as manhãs. O trem das 8h30.

Sara – Não me lembro...

Alex – Seu nome é Michelle, certo?

Ela hesita um pouco antes de responder.

Sara – Sim...

Alex – Michelle Ramírez.

Ela parece hesitar novamente.

Sara – Esse é o meu nome de solteira, sim...

Alex – Então é você.

Sara – Desculpe, não tenho nenhuma lembrança disso.

Alex – É normal. Você liderava a corrida com os superdotados em matemática. Eu estava no final da fila, bem na frente do vagão de limpeza.

Sara – A seção econômica...

Alex – A seção dos preguiçosos. Não éramos bons o suficiente em matemática nem ambiciosos o suficiente para ser médicos ou engenheiros, não éramos literários o suficiente nem idealistas o suficiente para ser professores ou pesquisadores.

Sara – Então, na verdade, você não me conhecia...

Alex – Não.

Sara – Mas você sabia quem eu era.

Alex – Digamos que... eu tinha notado você e tinha me informado.

Sara – Meu nome, você poderia ter perguntado... Eu o impressionava tanto assim?

Alex – Eu era muito tímido... Hoje em dia sou um pouco menos...

Sara – Ou talvez seja porque eu já não o impressiono tanto.

Alex – Naquela época, simplesmente falar com você... parecia completamente impossível.

Sara – Por quê?

Alex – Mesmo que tivesse encontrado coragem para falar com você, para que serviria? Como alguém como você poderia se interessar por um cara como eu?

Sara – Você me achava tão convencida?

Alex – Mais inatingível, digamos.

Sara – Então você tinha uma opinião muito alta de mim.

Alex – E uma opinião muito baixa de mim mesmo, com certeza. Você era bonita, inteligente...

Sara – Se essa frase não estivesse no passado, eu a consideraria um elogio.

Alex – Para mim, você era um anjo. E não se tem relacionamentos com um anjo.

Ela fica um pouco desconfortável.

Sara – De fato, agora você é muito menos tímido.

Alex – Talvez porque eu já não acredito em anjos.

Sara – É uma pena.

Alex – É uma questão de sobrevivência. Depois dos quinze anos, quando ainda se acredita em anjos, a vida toma um rumo ruim.

Sara – Então você nunca teve coragem de se aproximar de mim...

Alex – Quando eu pegava o trem das 8h30, sozinho, aos domingos, também era com a esperança de encontrá-la. Pela primeira vez, estaríamos os dois sozinhos na plataforma, como hoje, e você finalmente notaria minha existência.

Sara – Se eu entendi bem... você estava apaixonado por mim.

Alex – Eu estava loucamente apaixonado por você. Nunca pensei que um dia teria uma conversa tão longa com Michelle Ramírez.

Um momento.

Sara – Agora me lembro.

Alex – Desculpe?

Sara – Qual é o seu nome?

Alex – Federico.

Sara – Federico, é isso. Eu o via todas as manhãs na plataforma. Eu me perguntava por que você nunca me dirigiu a palavra.

Alex – Sério?

Sara – Eu pensava que você era indiferente. Ou melhor, que tinha desprezo. Eu achava você... arrogante.

Alex – Arrogante?

Sara – Presunçoso, se preferir.

Alex – Sim, arrogante, entendi. Isso me surpreende, é tudo.

Sara – No trem, você lia o La Vanguardia.

Alex – Era para me dar importância... e também para poder observá-la por cima do meu jornal sem chamar muito a atenção.

Sara – Resumindo, foi um mal-entendido. Eu não era tão angelical quanto parecia, e você não era tão presunçoso quanto aparentava.

Alex – Em que se baseia a vida...? No final, poderíamos ter nos falado. Talvez tivéssemos encontrado coisas em comum. Poderíamos ter saído juntos. E hoje em dia, estaríamos casados...

Sara – E divorciados...

Alex – Pouco antes da formatura, decidi reunir coragem e falar com você de qualquer maneira, arriscando fazer papel de ridículo. Uns meses depois, não estaríamos mais na mesma escola. Você estudaria em Madrid...

Sara – Mas você não fez isso.

Alex – Foi nessa época que você começou a namorar o Marco.

Sara – Ele não me via como um anjo...

Alex – De qualquer forma, não teria funcionado. Eu a colocava num pedestal. Não acho que você teria gostado...

Sara – E hoje, quinze anos depois, finalmente estamos conversando...

Alex – E descobrimos que o trem das 8h30 não passará mais, que nunca mais poderemos pegá-lo juntos.

Sara – Ainda há o das 11h30.

Alex – Você acha que é tão simples assim? Perde-se um trem, pega-se o próximo...

Sara – Por que não?

Alex – Eu te disse antes, não acredito que possamos retomar a história de onde a deixamos há quinze anos. Eu não sou mais o adolescente com acne que estava apaixonado por um anjo. E suponho que você já não é um anjo...

Sara – Nunca fui um anjo. A garota da qual você estava apaixonado nunca existiu além da sua imaginação. A verdadeira Michelle está na sua frente, e não mudou tanto...

Eles se aproximam um do outro. Parecem prestes a se beijar quando, ao longe, ouve-se o som de um trem se aproximando.

Sara – Será que é o nosso?

Alex – Só tem uma linha de qualquer forma.

Sara – Então, eles não o terão eliminado afinal?

Alex – Parece que não...

O som se intensifica. Ambos olham na direção do trem e, à medida que o som atinge seu pico, olham diretamente para a plateia, como se o trem estivesse passando na frente deles. Gradualmente, o som diminui até desaparecer completamente à medida que o trem se afasta.

Sara – Ele não parou.

Alex – Era um trem de carga...

Sara – Sim.

Alex – Estou começando a ficar com sede, e você?

Sara – Não.

Alex – Você não teria algo para beber por acaso?

Sara – Pensei que pegaria um trem com uma conexão dez minutos depois. Não me ocorreu trazer uma garrafa de água...

Silêncio.

Alex – Você se casou com o Marco?

Sara – Namoramos por alguns meses. Depois do ensino médio, nunca mais o vi.

Alex – Um ensino médio que você passou com distinção.

Sara – Como você tem tanta certeza?

Alex – Eu olhei o seu nome na lista de resultados.

Sara – Eu queria ser médica, como meu pai. Depois do ensino médio, eu desanimei completamente. Até então, sempre tinha sido o que meus pais esperavam de mim. Uma boa aluna. Séria, aplicada. Eu não saía. Aos domingos, eu estudava. Não tinha tempo para ficar entediada. Minha crise de adolescência chegou muito tarde...

Alex – Então você não estudou medicina...

Sara – Eu abandonei depois do primeiro ano. Eu não me via estudando assim por mais dez anos. Optei por ser professora.

Alex – E você se casou com um professor.

Sara – Casei com um dentista. Uma maneira de não decepcionar muito os meus pais, suponho... reconectar com a área médica através do casamento.

Alex – Mas não funcionou.

Sara – Funcionou... por alguns anos.

Alex – Você tem filhos?

Sara – Isso está começando a parecer um interrogatório.

Alex – Você está certa, não tenho o direito de fazer todas essas perguntas.

Sara – Eu não queria filhos. Pelo menos não com ele. Isso acelerou o nosso divórcio. Além do fato de que ele estava me traindo...

Alex – Como alguém pode enganar uma mulher como você?

Sara – Simplesmente dormindo com outra mulher. E você, é casado?

Alex – Não. E também não tenho filhos.

Sara – Então você é... um informático?

Alex – Após o ensino médio, eu não sabia bem o que fazer. Optei por estudar informática. Os estudos não eram muito longos. Disseram-me que eu estava certo em encontrar trabalho depois. E de fato, foi o que aconteceu.

Sara – Mas hoje você está indo para Los Angeles.

Alex – Eu poderia ter continuado assim. Ganho um bom dinheiro. Gosto do meu trabalho, mas também não é uma paixão. Um dia eu disse a mim mesmo... ou você continua nessa direção e acorda na aposentadoria sem ter vivido nada, ou solta as amarras.

Sara – E por que Los Angeles...?

Alex – Eu não sei...

Sara – Talvez porque você queira acreditar nos anjos de novo.

Alex – Eu não tinha pensado nisso.

Sara – Eu te desejo encontrar um lá.

Alex – Em alguns meses, talvez eu volte para casa com o rabo entre as pernas. Vou perguntar ao meu antigo empregador se ele estaria disposto a me aceitar de volta. Se não, me inscreverei na Agência de Emprego... e em um site de encontros.

Sara – Pelo menos você tentou, e não terá do que se arrepender...

Alex – Você também ainda está em busca de um ideal, não é?

Sara – Mas, ao contrário de você, não estou deixando tudo para embarcar em uma aventura, como você mesmo apontou.

Alex – Você está deixando o seu marido, o que provavelmente é ainda mais difícil.

Sara – Sim, talvez...

Alex – E você ainda acredita nos anjos?

Sara – Eu não sei... Se você me via como um anjo... E se você não acredita mais em mim... posso continuar acreditando em mim mesma?

Momento de indecisão. Eles são atraídos um pelo outro. Eles se beijam apaixonadamente. Então eles param, ambos desconfortáveis.

Alex – Eu nunca pensei que um dia beijaria Michelle Ramírez.

Sara – Depois de mais de quinze anos de espera... Espero que você não esteja muito decepcionado.

Alex – Como eu poderia estar? Você está tornando realidade um dos meus sonhos de juventude.

Sara – A realidade começa onde os sonhos terminam. E a realidade sempre é decepcionante.

Alex – Você é professora de filosofia?

Sara – De Ciências da Vida e da Terra.

Alex – De Ciências da Vida e da Terra?

Sara – Eu sei... É um pouco como a informática, sempre deixa um vazio.

Alex – Não, não... Bem, talvez um pouco. Na verdade, nem mesmo sei exatamente o que isso significa.

Sara – Em comparação com a filosofia, é muito mais concreto... e, portanto, muito mais chato, eu suponho.

Alex – Mas você ainda quer voltar a ser professora de Ciências da Vida e da Terra.

Sara – É a única coisa que sei fazer. Mas você está certo. Não se pode pegar a vida de onde a deixou vários anos atrás. Quando se perde um trem, pega-se o próximo. Mas oportunidades perdidas...

Alex – Então, você acha que para nós também é tarde demais?

Sara – Você está indo para os Estados Unidos esta noite...

Alex – Você poderia vir comigo.

Sara – Sair com uma mulher... Eu não acho que seja a ideia que você tem de aventura...

Alex – Eu poderia desistir de ir.

Sara – Eu não quero lhe pedir para desistir dos seus sonhos de aventura. Mais cedo ou mais tarde, você seria o que me culparia.

Alex – Nem eu para o seu sonho de independência... Você acabou de se separar do seu marido para ser livre.

Sara – É verdade. Aos vinte e cinco anos, saí da casa dos meus pais para morar com meu marido. Nunca morei sozinha. Pelo menos gostaria de saber se sou capaz de fazê-lo.

Alex – Começo a me perguntar se realmente estávamos destinados a nos conhecer... Encontramos quinze anos após essa oportunidade perdida, e ainda não é o momento certo...

Sara – Talvez nos encontremos daqui a quinze anos na mesma plataforma...

Alex – Ou daqui a cinquenta anos no terraço de uma casa de repouso.

Sara – Mas hoje, cada um de nós vai embora por seu lado.

Alex – Enquanto isso, temos uma hora para passar juntos... Uma hora de felicidade...

Sara – Viver uma história de amor em uma hora, desde o encontro até a despedida.

Alex – Uma hora ou uma vida inteira, no final, qual é a diferença? É melhor encarar cada manhã como um novo nascimento e viver tantas vidas quantos dias temos em nossa existência.

Sara – E depois de um tempo, você perceberia que definitivamente não sou um anjo. É melhor ficar com uma boa impressão.

Eles se beijam novamente.

Alex – Você não é Michelle Ramírez, certo?

Sara – Não. Por quê? Ela beijava melhor do que eu?

Alex – Eu nunca a beijei. Mas nem mesmo nos meus sonhos ela beijava melhor. Por que você mentiu para mim?

Sara – Parecia importar tanto para você... Eu não queria decepcioná-lo. Por um momento, eu realizei o seu sonho de juventude...

Alex – Obrigado.

Sara – Desculpe, talvez você a encontre um dia, a sua Michelle Ramírez. Agora, com as redes sociais...

Alex – Sim...

Sara – E aí está... Conhecemos um ao outro há apenas uma hora, e eu já te decepcionei.

Alex – Sim... Quer dizer, não...

Sara – Ao mesmo tempo, você me deu a deixa. Eu me pareço tanto com ela?

Alex – Sim e não...

Sara – Então, como você soube que eu não era Michelle Ramírez...?

Alex – Como? Primeiro, porque neste trem, eu não estava lendo La Vanguardia, mas sim revistas de pop-rock da época.

Sara – Sim, eu me soltei um pouco e senti que não deveria ter feito isso. A improvisação não é o meu forte...

Alex – E principalmente porque... Michelle Ramírez não existe.

Sara – Michelle Ramírez não existe?

Alex – Com certeza existe alguma Michelle Ramírez em algum lugar... ou até várias. É um nome bastante comum. Mas pessoalmente, eu nunca conheci nenhuma.

Sara – Entendi...

Alex – Michelle Ramírez, para mim, houve muitas. Meninas de quinze anos que faziam o tímido adolescente que eu era fantasiar. Michelle Ramírez, são todas as meninas por quem me apaixonei e nem ousei perguntar o nome.

Sara – Então ambos mentimos.

Alex – Não é um pouco verdade quando duas pessoas querem acreditar em uma mentira juntas?

Sara – Por que Michelle? Por causa da música dos Beatles?

Alex – Suponho que sim...

A música dos Beatles começa a tocar.

Sara – É uma música bonita... Mas a letra é um pouco piegas, não acha?

Alex – Eu não acho... Há muita verdade nas canções populares, mesmo nas mais simples. Esta música sempre me comoveu... Não me pergunte por quê...

Sara – Por quê?

Alex – Fala sobre o tempo que passa... Sobre a juventude que se vai rápido demais... E com ela os sonhos da infância...

Sara – Então não há nada de verdade na nossa história.

Alex – Passei minha infância aqui, isso é verdade.

Sara – Eu também.

Alex – E também estudei na escola da cidade vizinha.

Sara – Como eu.

Alex – É uma coincidência que nunca tenhamos nos cruzado.

Sara – Talvez tenhamos nos cruzado sem saber...

Alex – De qualquer forma, não chamamos a atenção um do outro.

Sara – Não me surpreende que você não tenha me notado naquela época. Eu pesava cerca de oitenta quilos, tinha o rosto cheio de acne, usava óculos e tinha o cabelo oleoso...

Alex – Entendo...

Sara – Estava longe de ser o anjo que você descreve... Em resumo, com essa mentira, eu também realizei um sonho de juventude. Ser a garota mais bonita da escola... A mais cobiçada...

Alex – Ambos somos mentirosos... Isso nos dá algo em comum, pelo menos...

Sara – Você realmente trabalha em uma empresa de tecnologia?

Alex – Sim.

Sara – E você realmente está indo para Los Angeles?

Alex – Não... Mas é verdade que às vezes pensei nisso...

Sara – Por que você me contou isso?

Alex – Talvez porque eu gostaria de ter essa coragem. Deixar tudo para trás e embarcar em uma aventura... E também porque as mulheres gostam de aventureiros. E de histórias de amor impossíveis.

Sara – Você acha mesmo?

Alex – De qualquer forma, funcionou, não é?

Sara – Sim...

Alex – E você? Você realmente se divorciou?

Sara – Não... Bem, ainda não...

Alex – Então, você ainda está casada.

Sara – Sim.

Alex – Mas você é professora de Ciências da Vida e da Terra.

Sara – Infelizmente.

Alex – Sim... É como ser um programador, não é algo do qual você se orgulha.

Sara – Não.

Alex – Então, cada um de nós inventou um novo começo.

Sara – Mas ambos ainda estamos na plataforma...

Alex – E se partíssemos mesmo assim?

Sara – Juntos? Para Los Angeles? Pareceria muito com uma lua de mel.

Alex – Você está certa, não há nada menos aventureiro do que uma lua de mel.

Sara – E depois você esquece que estou casada...

Alex – Posso fazer uma última confissão?

Sara – Claro, estou ouvindo.

Alex – Eu sabia que não havia mais um trem às 8:30.

Sara – Por que você estava na plataforma às 8:25, então?

Alex – Estava dirigindo, vi você indo para a estação com a sua mala. Adivinhei que você queria pegar aquele trem que já não existe.

Sara – E depois?

Alex – Estacionei o carro e vim esperar na plataforma.

Sara – Você poderia ter me oferecido uma carona.

Alex – Você não teria aceitado... e eu não teria tido o prazer de passar três horas com você.

Sara – Posso fazer uma confissão também?

Alex – Claro, estou ouvindo.

Sara – Eu sabia que este trem não existia mais.

Alex – Por que veio esperá-lo então?

Sara – Tive uma briga com minha mãe, exatamente sobre meu divórcio. Para ela, eu era a culpada. Eu não queria ficar mais um minuto lá.

Alex – Entendo...

Sara – E vi você estacionando seu carro...

Alex – Então não há absolutamente nada de verdade nesta história.

Sara – Exceto, talvez, o desejo que tínhamos de nos encontrar...

O som de um trem se aproximando é ouvido.

Alex – Ah, desta vez é o nosso trem...

Sara – Já?

Alex – Sim, também não vi o tempo passar.

Sara – O trem das 11:30. Acho que nunca o peguei.

Alex – Vamos pegá-lo juntos!

Sara – Eu não tenho um bilhete...

Alex pega dois bilhetes e mostra para ela.

Alex – Eu convido você.

Sara – Então, vamos!

Preto.

Luz.

A mesma plataforma. Ele está lá. Espera, lendo um livro. Ela chega. Nenhum dos dois está carregando bagagem.

Sara – Já não há mais trem às 8:30... Você já esqueceu?

Alex – Não.

Sara – Então, o que você está esperando?

Alex – Talvez você...

Sara – Eu?

Alex – Se outro passageiro aparecesse, só poderia ser você.

Eles esperam juntos, sem se olhar.

Sara – Como está seu irmão?

Alex – Meu irmão?

Sara – Aquele que perdeu um sapato nos trilhos... e que, sem a sua intervenção heróica, teria sido atropelado por um trem ao voltar para pegá-lo.

Alex – Ah, sim... Aquele...

Sara – Você tem vários irmãos?

Alex – Sou filho único.

Sara – Então, havia uma mensagem oculta naquela parábola.

Alex – Quando deixamos algo para trás, nunca devemos voltar para tentar encontrá-lo. Pelo menos, era isso que eu pensava até agora...

Sara – Seu nome é realmente Federico?

Alex – Não.

Sara – Então eu nem sei o seu nome.

Alex – Como você gostaria de me chamar?

Ela finge pensar.

Sara – Alex?

Alex – Por que não? Um dos seus amores de juventude?

Sara – Não, mas eu acho que combina com você. E eu? Que nome você me daria hoje?

Ele pensa por um momento.

Alex – Sara.

Sara – Então, para você, serei Sara. Pelo menos durante esta representação...

Alex – Você acha que haverá outras?

Sara – Tantas quanto quisermos. Tantas quantos dias há no ano. E tantos quantos trens existem nesta linha. Porque somos fabuladores.

Alex – Até certo ponto, atores. Desde pequeno, inventava muitas histórias inacreditáveis. Meu pai não parava de me dizer: que atorzinho este menino. Não acho que fosse um elogio, mas provavelmente foi nessa época que nasceu minha vocação.

Sara – Minha mãe sempre me dizia: a mentira é um feio defeito. Então, por muito tempo, fiz o meu melhor para corresponder ao que os outros consideravam como minha verdade.

Alex – Mentir é o melhor que encontramos para aqueles que não querem se contentar com uma única verdade.

Sara – E quando alguém faz da mentira sua profissão, se torna um trapaceiro ou ator. O que você está lendo?

Alex – O Encontro na Plataforma. É o livro que você estava lendo quando nos conhecemos.

Um momento.

Sara – Quanto tempo se passou...?

Alex – Pareceu uma eternidade.

Sara – Parece que foi ontem.

Alex – Ontem...?

Sara – Há um ano, talvez...

Alex – Então é uma espécie de aniversário.

Sara – Sim. O primeiro aniversário do nosso encontro.

Alex – E da nossa separação...

Sara – É verdade, não o vi desde então.

Alex – No final, fui para Los Angeles.

Sara – Mas você voltou...

Alex – Não há nenhum anjo em Los Angeles. Em todo caso, não conheci nenhum.

Sara – E seu chefe o recontratou?

Alex – Não perguntei a ele.

Sara – Mas você se inscreveu em um site de encontros...

Alex – Quanto aos encontros, prefiro os lugares mais incomuns.

Sara – Como as plataformas da estação...

Alex – E de preferência na hora em que não há trens anunciados.

Sara – Então, você não trabalha mais na área de informática.

Alex – Estou desempregado, pela primeira vez na vida. É uma experiência cheia de lições. Permite que você saiba em quem realmente pode confiar ao seu redor...

Sara – Tenho certeza de que você tem planos.

Alex – Me matriculei em uma escola de teatro.

Sara – Uma escola de teatro?

Alex – Fiz um pouco de teatro na escola secundária. A ideia começou a se formar na minha cabeça em Los Angeles. Ainda não me sentia pronto para Hollywood, então voltei aqui e me inscrevi em uma escola de teatro.

Sara – Veja, nunca é tarde demais para encontrar sua verdadeira vocação. E você voltou por aqui?

Alex – Por enquanto, estou morando com meu pai. Quando decidimos voltar à infância, precisamos fazer concessões... E você?

Sara – Segui seu conselho. Me divorciei.

Alex – Não me lembro de ter lhe dado conselhos propriamente ditos. Mas estaria mentindo se dissesse que esse divórcio me entristece.

Sara – Eu também voltei a estudar.

Alex – Medicina?

Sara – Teatro.

Alex – Sério?

Sara – Na mesma escola que você, talvez.

Alex – Então, com certeza nos encontraremos lá.

Sara – Nos encontraremos nesta plataforma, de qualquer maneira.

Alex – Não me diga que você também voltou a morar com sua mãe?

Sara – Você realmente foi a Los Angeles?

Alex – Você estava certa. Não faz sentido ir até o fim do mundo para se encontrar. É melhor voltar atrás e tentar entender onde nos perdemos.

Sara – Sim, talvez...

Alex – Você realmente se divorciou?

Sara – Nunca fui casada.

Alex – Finalmente, vamos realizar nosso sonho. Pegar o trem juntos para ir à escola.

Sara – Sim... Uma escola de teatro.

Alex – Talvez um dia atuemos juntos na mesma peça.

Sara – Aquela que você vai escrever?

Alex – Podemos escrevê-la juntos.

Sara – Por que não?

Alex – Você me deixaria seu número...?

Sara – Um número falso então? Um número de teatro...

Alex – Se não, continuamos confiando na providência...

Ela se aproxima e o abraça.

Sara – Decidi não mais confiar no acaso.

Alex – Você está certa... É menos romântico, mas é mais seguro.

Eles se beijam. Ao longe, ouve-se o barulho de um trem se aproximando.

Alex – Parece que desta vez está vindo...

Sara – O trem das 8:30? Pensei que já não existisse...

Alex – Sim, é curioso...

Ela o olha. Sorriem. O barulho do trem se aproximando aumenta. Então diminui até voltar ao silêncio.

Sara – Não vimos nenhum trem passar...

Alex – No entanto, ouvimos.

Sara – Um trem fantasma...?

Alex – O fantasma do trem das 8:30.

Sara – Pareceu-me ver uma sombra atrás do balcão quando chegamos.

Alex – O guarda-barreiras...

Sara – É estranho.

Alex – Muito estranho.

Sara – Ao mesmo tempo, não é realmente uma estação de trem...

Alex – Não. Parece mais com...

Sara – Um palco de teatro.

Ele mostra o livro para ela.

Alex – Você conhece o seu texto de cor?

Sara – De cabo a rabo. E você?

Alex – Ainda erro às vezes.

Sara – Eu também...

*Silêncio. Cada um deles mergulha em seu livro intitulado "Encontro na Plataforma".
Alex é o primeiro a interromper.*

Alex – Sabe qual é o meu momento favorito no teatro? Como espectador, digo...

Sara – Quando finalmente cai a cortina e você sabe que o tormento acabou?

Alex – Não.

Sara – O intervalo, durante o qual você sempre tem a chance de escapar se o espetáculo for realmente chato?

Alex – O momento em que esperamos na sala antes das luzes se apagarem e o espetáculo começar. Não sabemos o que veremos. Tudo é imaginável. Dizemos a nós mesmos que vamos ter um momento maravilhoso.

Sara – Mesmo que a maioria das vezes fiquemos entediados por duas horas.

Alex – A vida, no início, é como uma peça de teatro quando a cortina sobe.

Sara – Descobrimos o palco. Não sabemos de jeito nenhum o que vai acontecer. Mas nada nos impede de ter esperança.

Alex – É por isso que sempre temos nostalgia de nossa infância, porque é a idade de todas as possibilidades.

Sara – Mesmo que essa infância tenha sido infeliz e depois tenhamos sido muito felizes?

Alex – Uma vida, mesmo quando é bem-sucedida, ainda é uma rendição. Uma renúncia a todas as outras vidas possíveis. Sabe o que mais odeio no teatro?

Sara – O cara de dois metros que espera até o último minuto para sentar bem na sua frente?

Alex – Não.

Sara – A mulher gorda que chega atrasada e obriga toda uma fileira de espectadores a se levantar porque insiste em sentar bem no meio?

Alex – As pessoas que esperam até o início da peça para desligar seus celulares, em vez de fazê-lo alguns minutos antes da cortina subir.

Sara – Sim... É como se na missa esperássemos pelo momento em que o padre entrega a hóstia para tirar a goma de mascar da boca.

Alex – Não teria pensado nessa comparação, mas sim... O teatro é uma comunhão. Antes de as luzes se acenderem e o espetáculo começar, todos nós precisamos de um momento de silêncio para nos libertar da nossa rotina. Com a esperança de que a ficção supere a realidade.

Sara – O teatro é para a realidade o que o desejo é para o amor. Uma promessa que sabemos que não será cumprida, mas que, enquanto isso, nos faz vibrar.

Alex – Então vamos adiar o máximo possível o momento em que a cortina se levanta sobre o nosso amor.

Silêncio.

Sara – Quem é você realmente?

Alex – Seu parceiro, se você quiser.

Ele a toca no ombro e ela se inclina para ele.

Sara – Quer brincar comigo...?

Alex – Assim que as luzes se apagarem. Está pronta?

Sara – Meu celular está no modo avião.

Alex – O meu também.

Sara – Então, tudo está pronto para começar.

Alex – Escuridão!

Escuridão.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
Apenas um instante antes do fim do mundo
Gay friendly
Há um autor na sala?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
Pequeno homicídio sem consequências
Preliminares
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-980-5

Documento para download gratuito